

Não há tempo para ter tempo

Todas as manhãs entro na escola, dirijo-me à sala de professores e pelo caminho apanho vários colegas pelo corredor. Cada um com mais de 40 anos... Ah! Mas também encontro a colega Sara de Português com menos de 30 anos. Mas só às quintas! O horário da colega abrange poucas horas semanais e é esse o único dia da semana em que a Sara tem aulas. E assim inquieto-me... Apesar de sentir que a maior parte dos colegas da minha escola possuem mais experiência no ensino do que eu (o que é muito bom) e já possuem ideias bem construídas e refletidas sobre isto que é ensinar, não deixo de me inquietar e pensar... Será que o nosso ensino está a ter a revitalização e a inovação desejada para responder às necessidades dos alunos de forma adequada? Será que a entrada de mais profissionais seria uma mais-valia na partilha de novas ideias e contribuiria para novas experiências no processo de ensino e aprendizagem?

No documento das “Recomendações para a melhoria das aprendizagens dos alunos em Matemática” de 2020, afirma-se que “um aumento do índice de envelhecimento da população docente poderá originar a saída de 30 000 professores, de todas as disciplinas” (p. 15) e prevê-se que a percentagem de aposentações até 2030, entre os professores que lecionam Matemática, seja de 73% na Educação Pré-escolar, 53,8% no 1.º Ciclo, 62,4% no 2.º Ciclo e 49,6% no 3.º Ciclo e Secundário. No mesmo relatório, escreve-se que existiu uma “diminuição continuada do número de inscritos em mestrados para a Educação Pré-escolar, 1.º e 2.º Ciclos” (p. 16) e existiu um “reduzido número de alunos inscritos nos cursos de Mestrado em Ensino da Matemática no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário” (p. 16). Não é de ficar inquieto...?

Ora, para mim o raciocínio é lógico... Se não existe entrada de novos profissionais e formação de equipas (fixas) nas escolas, a renovação profissional nunca se irá concretizar e a transmissão de saberes intergeracionais e entre os próprios profissionais já na carreira será rara ou inexistente.

Mas vejamos... Sendo a matemática uma ciência estruturante no currículo escolar de qualquer país, será que o facto dos professores portugueses estarem cada vez menos a renovarem-se, está a conseguir responder às necessidades que a sociedade cada vez mais exige à Educação Matemática? Uma sociedade completamente virada para os *logins*, as *selfies*, os *posts*, os *Justin Biebers*, os *youtubers*, os *memes*, os *minecrafts*, exige que a Escola responda de forma adequada a tudo isto que os alunos conhecem, reconhecem e se identificam. E cada vez menos eles sabem o que são os *Monty Python*, as *disquetes*, os *David Bowie*, os *Nokia*, as enormes réguas de cálculo... O que é normal, pois não são produtos e imagens do seu tempo e da sua realidade. E ainda assim, a escola mantém-se a responder a estas gerações da mesma forma que respondia antes, porque não

existe atrevimento de responder de outra forma, não existem condições para que todos os professores respondam de outra forma, não existe tempo que não seja só para cumprir metas, programas e planos. E se algum de nós tem a capacidade de se atrever em novos mundos, há sempre alguém que nos diz “Calma! Olha o programa!”, “Calma! Olha as provas!”, “Calma! Olha o sistema!”... E aqui continuamos. Num sistema igual ao que era e ao que continua a ser... Em que não há tempo para ter tempo!

E aqui continuamos... A mostrar que pode ser diferente, deve ser diferente e que pode contagiar alguns que aqui andam ou que aqui entram, estagnados no tempo, no pensamento e nas suas práticas...É por isso que cada atividade diferente deve ser mostrada para que os colegas percebam que pode ser diferente... Deve ser diferente! E que a resposta dos alunos é maior e mais positiva quando é diferente!

Mas é necessário haver espaço para a criação de novas ideias para se ser bom professor, que não basta só ter o gosto para a profissão. O que as “Saras” deste país desejam é um horário completo, uma vida profissional estável numa escola fixa, um salário mais aliciante que responda à quantidade de trabalho exigida pela vida de professor, melhores condições logísticas de trabalho, uma formação contínua que permita crescer continuamente. As “Saras” precisam de tempo... Numa só expressão que há muito tempo se ouve nas bocas dos professores... Queremos uma sociedade e sistema que reconheçam verdadeiramente e em termos práticos e no “terreno” o trabalho dos professores, de todos os professores!

A nova geração de documentos curriculares é um respiro de alívio para alunos e para os professores mais inquietos. Esses documentos respondem às novas necessidades da Educação Matemática da sociedade...? Na minha opinião, sim. Definem várias ideias inovadoras, que de facto são novas para alguns, mas já muito presentes na prática pedagógica para outros. Matemática para a cidadania. Pensamento Computacional (não programação, atenção!). MATEMÁTICA PARA TODOS (para mim a ideia crucial; a matemática tem de ser de todos e para todos). Tudo isso alicerçado com 9 ideias-chaves.

Mas aqui estaremos.... Não desistiremos.... Tudo porque no final o que importa é ouvir/ler na autoavaliação dos nossos alunos “*Só lhe queria dizer... que foi consigo que aprendi a ganhar confiança e a demonstrar que sou capaz de fazer tudo como os outros*”. Obrigado, Tiago Casimiro... Foi convosco que aprendi a perceber o quão gosto de vos ensinar que são capazes de fazer tudo como os outros... Seja lá quem forem os “outros”!

JOÃO CARLOS TERROSO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. DINIS, ODIVELAS